

A (TRANS)GRESSÃO DE LILI ELBE: A PSICANÁLISE E A TEORIA QUEER ENCONTRAM “A GAROTA DINAMARQUESA”

Raquel dos Santos Moraes¹; Fábio Dal Molin²;

¹Universidade Federal do Rio Grande – raqueldossantosmoraes98@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – dalmolinorama@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a debater o filme *A garota dinamarquesa* (2015), dirigido por Tom Hooper, tendo, como embasamento teórico para dirigir a análise, a teoria psicanalítica freudiana e os estudos de gênero e sexualidade contemporâneos. Esta obra foi escolhida como objeto de estudo deste texto por se tratar de um filme baseado em fatos reais que narra a história de uma das primeiras mulheres transgênero a se submeter à cirurgia de redesignação sexual que viveu na primeira metade do século XX, chamada Lili Elbe. O filme narra sua história de identificação como pessoa transgênero, os embates sociais que a personagem vivenciou e o sofrimento envolvido durante todo o processo. Essa ficção-realidade servirá de exemplo para debater a vivência de pessoas trans em nossa atual conjuntura. A violência contra pessoas transgêneros ainda é alarmante no Brasil: 175 travestis foram assassinadas no país em casos de transfobia em 2020 (ANTRA, 2021). Além da dificuldade de reconhecimento em uma sociedade preconceituosa como nossa, ainda persistem a dificuldade e a necessidade de obtenção de um laudo médico ou psicológico após um longo acompanhamento de dois anos para a pessoa que deseja realizar a cirurgia de redesignação sexual e hormonização (LIMA; CRUZ, 2016).

Essas situações ainda perduram, porque a nossa sociedade é regida por um discurso cisheteronormativo que se apresenta como *natural*, que instaura um padrão de normalidade sobre os corpos e dita o que é e como uma mulher ou um homem deve ser (atendo-se ao sistema binário de sexos), ditando, assim uma Lei hegemônica para os desejos e expressões de todos e punindo àqueles que transgredem essa lei. Assim como retratado na história do filme, o preconceito permanece e continua gerando sofrimento psíquico e físico sobre os corpos de pessoas *transgressoras*. A Psicanálise tem muito a colaborar nessa discussão pois “algumas passagens da obra de Sigmund Freud abriram perspectivas inéditas e revolucionárias sobre a sexualidade” (CECCARELLI, 2010). Assim, buscou-se apropriar-se criticamente do que é mais produtivo na obra de Freud através da teoria *queer*, que busca desnaturalizar o sistema de gênero vigente, criticando suas limitações e propondo uma nova maneira de pensar o gênero e a sexualidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consistiu em realizar uma revisão bibliográfica de alguns textos paradigmáticos de Freud, a fim de analisar alguns conceitos chave da teoria psicanalítica que possibilitam pensar a sexualidade humana em conflito com as formas sociais e suas imposições, para entender, como, para ele, dá-se o conflito entre indivíduo e sociedade no decurso de busca pela satisfação. Em segundo lugar, foram revisados textos que buscam reinterpretar as noções de gênero e sexualidade não como simplesmente naturais ou inatas, mas como construções discursivas, através de obras de pensadores *queer*. E a partir da tensão entre essas duas vertentes, realizar a análise do longa-metragem *A garota*

dinamarquesa, recorrendo sobre algumas cenas do filme e abordando conceitos de ambas teorias que podem ser observados ao longo da narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Freud (1930/2018), os seres humanos, para estabelecerem-se em sociedade, tiveram de internalizar normas para ditar uma convivência viável. Para tanto, as pulsões de cada pessoa tiveram de ser limitadas. Evitando, assim, que a sociedade se autodestruísse através de seus membros. Portanto, percebemos porque é tão difícil para o indivíduo encontrar felicidade “plena”. Há um embate entre o que Freud chamou de *princípio de prazer* e as imposições sociais. Por causa disso, surge o *princípio de realidade* que “sem desistir do propósito de um ganho final de prazer, exige e impõe o adiamento da satisfação” (FREUD, 1920/2018b, p. 48) em prol da preservação do indivíduo na cultura. É evidente que para a possibilidade da existência de uma sociedade minimamente harmônica certas limitações ao princípio de prazer são imprescindíveis. Entretanto, nem todas as limitações que nos foram impostas são necessárias e impossíveis de serem modificadas. Uma forma de observar essa mais-repressão é atentar para a maneira como a sexualidade é moldada no interior da cultura. Freud (1905/2016) apresenta um conceito expandido de sexualidade, não limitando essa à reprodução, tentando desviar o foco da sexualidade da genitalidade. Além disso, demonstra a existência da sexualidade infantil, o que nos permite captar melhor como as imposições sociais iniciam-se muito cedo na vida do indivíduo, através das relações familiares. Para Freud (1905/2016), a sexualidade é inicialmente polimorfa e perversa, o que significa que ela não tem objeto específico e possui diferentes formas para obtenção de prazer.

A grande diversidade da sexualidade a que teríamos predisposição nos é barrada em uma civilização que impõe um discurso patriarcal e cisheteronormativo como Lei para reproduzir a estrutura social vigente, definindo rigidamente as expressões sexuais e os objetos de desejo para cada papel de gênero estabelecido. Michel Foucault mostra como, na modernidade, a sexualidade torna-se objeto de “uma explosão de discursividades distintas” (FOUCAULT, 1976/2019, p. 37) que produzem uma força de normalização dos sentidos sobre essa a partir de um paradigma cientificista que opõe uma normalidade à uma suposta patologia das expressões sexuais no interior das relações de poder. Jeffrey Weeks diz que “os códigos e identidades sexuais que tomamos como dados, inevitáveis e ‘naturais’, têm sido frequentemente forjados nesse complexo processo de definição” (WEEKS, 2019, p. 52). Naturalidade essa, definida através do paradigma do homem branco, cisheterossexual, de classe média urbana e cristão, que passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada, categorizando os que não se encaixam nesse padrão como “outros” (LOPES, 2019). No que tange ao gênero, Butler (2018) diz que gênero é “uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2018, p. 3). Esse caráter performático da identidade de gênero torna imprescindível que o entendamos como múltiplo e fluido, não sendo entendido dentro do binarismo, homem ou mulher, mas sim como uma identificação dentro de um *continuum*, que de forma alguma é estático, mas um constante fazer e refazer-se (CECCARELLI, 2019). Dentro desse viés, o nosso corpo é um processo ativo e repetitivo de incorporação de certas possibilidades culturais. Assim, cada pessoa performa seu gênero, cada performance é única e válida (BUTLER, 2020). A realidade de um gênero se torna verdadeira na própria performance, não existe

uma essência em nós que nos faça ser algo além da performance que incorporamos e a sexualidade precisa ser entendida dentro desse quadro maior. A nossa discussão sobre a busca de prazer necessita estar assentada sobre a crítica da forma como a sociedade administra nossas formas de gozo, impondo-nos, desde antes de o nascimento, performances esperadas a partir da designação binária de um sexo. Dessa forma, aqueles que decidem “transgredir” tais Leis, negando submeter-se aos mandos sociais, são punidos.

O filme *A garota dinamarquesa* explora narrativamente essas discussões. Logo de início desnaturaliza os papéis de gênero nos apresentando um casal heterossexual que não cumpre com os padrões de masculinidade e feminilidade. O que pode soar como algo de exótico ao início do filme se mostra, no decorrer da história, como uma trama muito mais profunda de um personagem artista que se desidentifica com sua identidade de homem, Einar, e se identifica com sua identidade de mulher, Lili. Esse processo tumultuado é acompanhado por Gerda, sua companheira, que, em uma sociedade extremamente normativa e despreparada para lidar com a vivência trans, sofre e resiste pelo reconhecimento de Lili na cena pública da sociedade do período. Um aspecto do filme iluminado pelo desenvolvimento teórico desse trabalho e que toca particularmente a nossa área de atuação, é a experiência terrível de Lili e Gerda em encontrar profissionais da saúde que acolham a protagonista e a ajudem a melhor se entender – os médicos insistem em tratar a transgeneridade como uma doença e forçam procedimentos invasivos e dolorosos. Além disso, a narrativa apresenta uma cena de violência contra a personagem que devido a ambiguidade de sua performance é hostilizada verbalmente e espancada por dois homens no espaço público – o que demonstra como a performance que desvia da norma de gênero, ao desestabilizar os padrões de reprodução social, é entendida como uma ameaça por aqueles que fazem a tentativa de se ater estritamente aos regimentos de gênero.

A relação de Lili com o seu corpo também é tematizada: em uma sociedade que funda a nossa subjetividade a partir de uma designação feita pelos órgãos genitais, Lili tem muita dificuldade de se entender enquanto mulher devido ao seu pênis - a genitália apresenta-se como um objeto estranho em seu corpo. É por causa disso que ela se submeterá a uma cirurgia de redesignação sexual extremamente perigosa, por ser ainda muito pouco desenvolvida em seu tempo histórico. Se sua relação com seu corpo é marcada pela disforia, as relações afetivas da personagem com outros também são tumultuadas. Seu envolvimento com um homem, quando aparece definitivamente como Lili, é frustrado, pois o personagem a toma, em um primeiro momento, por um homem homossexual “vestido como uma mulher”, o que desvalida sua identidade. Esse relacionamento tumultuoso faz eco a uma experiência infantil que pode ser lida dentro do paradigma psicanalítico. Einar, quando criança, em uma brincadeira com seu melhor amigo, veste-se “como uma mulher” e é beijado pelo outro garoto – a cena foi violentamente repreendida pelo pai de Einar que bate em seu amigo. Esse trauma marca, ao mesmo tempo, algo como um “nascimento” de Lili e a sua repressão. A Lei paterna que reprime a expressão da sexualidade infantil assombrará a protagonista que vive até o início do filme sua vida como um homem, mas que retorna a essa cena constantemente através de sua arte – pintando quadros do lugar em que costumava brincar com seu amigo quando criança. Mesmo tentando, por muito tempo, conformar-se aos mandos da normatividade social, o retorno do recalado, Lili, a identidade na qual se sentia mais confortável, sempre acompanhava o trajeto da protagonista.

4. CONCLUSÕES

Entendendo que a arte, aqui representada por uma obra cinematográfica, é uma notável ferramenta da sociedade para, além de espelhar a si esteticamente, promover reflexões acerca de assuntos importantes, podendo ser um modo de autocrítica cultural para pensar a mudança de nossos comportamentos no interior da história, justifica-se a importância desse trabalho na área de Psicologia. Visto que muitas pessoas trans não se sentem acolhidas pela sociedade e pelos serviços oferecidos hoje pelos profissionais da saúde, é necessário enfatizar o quanto os psicólogos precisam se aprofundar nos debates de gênero e desenvolver a sensibilidade para dialogar com pessoas trans. Um profissional da saúde mental que não desnormalize sua escuta não será capaz de atender adequadamente sujeitos que contrariam as imposições do sistema de gênero vigente, podendo até mesmo causar mais sofrimento a essas subjetividades ao reproduzir preconceitos e forçar uma leitura patologizante do desejo e da identidade de seus pacientes. Portanto, essa é também uma tarefa política: uma psicologia compromissada com a saúde mental não pode ignorar o fato de que a gênese do sofrimento não está numa mera instância individual e, sim, na forma como as subjetividades se formam no confronto com as relações sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020** / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. 136p.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2020. 288p.
- BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Cadernos de Leitura**. n.78, p. 1-16, 2018.
- CECCARELLI, P. R. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In: Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.). **Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. Cap. 14, p. 269-285.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 9ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. 175 p. (Trabalho original publicado em 1976)
- FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2019. 160 p. (Trabalho original publicado em 1920)
- FREUD, S. **O futuro de uma ilusão & O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p. (Trabalho original publicado em 1930)
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 399 p. (Trabalho original publicado em 1905)
- LIMA, F.; CRUZ, K. T. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. n. 23, pp. 162-186, 2016.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Cap. 1, p. 7-42.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. Cap. 2, p. 43-104.